

## A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E OS TIPOS DE PDV NOS RELATOS DE VIAGEM DE NÍSIA FLORESTA

Alyanne de Freitas Chacon (UFRN)

[lychacon@bol.com.br](mailto:lychacon@bol.com.br)

Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)

[gracasrodrigues@gmail.com](mailto:gracasrodrigues@gmail.com)

### Introdução:

Este trabalho visa discutir como se manifesta a teoria da responsabilidade enunciativa trabalhada por Alain Rabatel nos relatos de viagem de Nísia Floresta: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* e *Trois Ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce*. Nosso estudo se insere na linha de pesquisa Estudos Linguísticos do Texto, assim, para o seu desenvolvimento, fizemos uma análise, a partir de leituras bibliográficas, das principais contribuições trazidas por Alain Rabatel sobre essa temática. Faremos, primeiramente, uma apresentação de nossos *corpora* e, em seguida, uma análise comparativa entre a teoria e alguns fragmentos retirados dos relatos aqui estudados.<sup>1</sup>

### 1. Nísia Floresta e seus relatos de viagem

O século XIX foi marcado por muitas transformações literárias. Ao observarmos a história da literatura brasileira, veremos que foram muitos os autores que escreveram nesse século e deixaram um grande número de obras que, hoje, enriquecem a nossa literatura. Entretanto, ao fazermos uma retrospectiva da nossa história com o intuito de verificar as autoras que escreveram textos literários nessa mesma época, veremos que foram raras as mulheres que ousaram e que conseguiram se sobressair pelos seus escritos.

Uma das poucas brasileiras que teve um papel de destaque nesse século foi a norte-rio-grandense, Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta ou Nísia Floresta Brasileira Augusta, que nasceu em 1810 na cidade de Papari, interior do Rio Grande do Norte. Numa época em que as mulheres mal recebiam instrução e eram criadas apenas para servir aos maridos, Nísia não apenas surge para reivindicar uma educação digna para o sexo feminino, como também para escrever sobre os mais variados temas, tais como: indianismo, nacionalismo, positivismo, sua indignação quanto ao sistema escravocrata e até a situação à qual a mulher era submetida pela sociedade machista da época.

Nísia Floresta ficou conhecida como uma mulher que esteve à frente do seu tempo, escreveu sobre questões culturais importantes e muitos a consideram como a primeira feminista do Brasil. Além de ter sido uma exceção entre as mulheres, por ter publicado várias obras em pleno século XIX e de ter sido uma das primeiras mulheres a escrever artigos para a imprensa. Entre as muitas obras publicadas pela autora norte-rio-grandense encontram-se seus relatos de viagem: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*, 1857, e *Trois Ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce*<sup>2</sup>, publicado em dois volumes, o primeiro em 1864 e o segundo em 1872.

---

<sup>1</sup>Optamos por manter as citações em língua francesa. Tendo em vista que este trabalho só poderia conter, no máximo, 12 páginas, não tivemos como traduzir todas as citações.

<sup>2</sup>A partir deste momento, para facilitar nosso trabalho e não nos tornarmos repetitivos, faremos referência a esses relatos, em determinados momentos, como *Itinéraire* e *Trois ans*.

O primeiro desses relatos, *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne*<sup>3</sup> retrata a viagem feita por Nísia Floresta em 1856, entre os meses de agosto e setembro. A autora viaja na companhia de sua filha Lívia com quem percorre algumas cidades da Bélgica e da Alemanha. Nesse itinerário, encontramos as correspondências direcionadas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. Nísia também descreve os momentos mais marcantes dessa viagem, expressando, sobretudo, as saudades que sentia. A obra nos apresenta trinta e quatro cartas ao todo, escritas diariamente. Apenas no dia 4 de setembro não encontramos algum registro.

A norte-rio-grandense viajou durante cinco semanas por vinte e três cidades. A primeira carta foi escrita em 26 de agosto, na cidade de Bruxelas, e a última é datada de 30 de setembro de 1856 na cidade de Estrasburgo. Outro ponto muito interessante é a riqueza de detalhes existentes em cada carta. Poderíamos dizer que essa obra é praticamente como um diário íntimo, pois a autora nos revela a todo tempo suas impressões, as saudades que sentia dos parentes e, principalmente, de seu filho Augusto, que queria que estivesse com ela naquele momento.

A narradora se coloca de tal forma no centro da narrativa, que tudo o mais parece girar a sua volta. O que realmente importa para ela e, por consequência aos leitores, são as *emoções e as impressões* que sente diante do que vê e do que ouve. [...]. (DUARTE, 1995, p. 271).

O segundo relato, *Trois Ans*, trata dos três anos que a autora passou em solo italiano, viagem que perdurou de março de 1858 até meados de 1861, tempo suficiente para conhecer, rever os lugares que lhe interessavam e residir em algumas cidades italianas. Esses relatos trazem em si muitas informações interessantes, sejam elas sobre Nísia Floresta, os países visitados por ela, os costumes da época ou todos os dados históricos ali contidos. Assim, alguns trabalhos literários já foram realizados com o intuito de analisar essas obras. No entanto, nossa proposta será trabalhar esses relatos analisando-os sob outra perspectiva, a linguística. Faremos uma análise sobre a responsabilidade enunciativa a partir da teoria dos Point de Vue<sup>4</sup> (PDV) trazida por Alain Rabatel.

## 2. A responsabilidade enunciativa e a noção de PDV

Em *Homo Narrans: Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*, 2008, publicado em dois volumes, Rabatel nos traz muitas informações importantes para analisar a responsabilidade enunciativa. No primeiro volume, *Les Points de Vue et La Logique de La Narration*, o teórico (2008, p. 11) escreve que seu livro não fará uma enésima apresentação dos quadros gerais da narrativa, pois isso já foi feito por autores como, Greimas, Genette e Adam.

Nous considérerons ici les éléments structurants du récit non plus essentiellement comme la manifestation de structures profondes ou comme de matrices d'engendrement des récits, mais comme les traces des processus interactionnels et pragmatiques où le scripteur opère des choix, en fonction de la situation, du genre, de l'image des lecteurs,

---

<sup>3</sup> Como o nosso propósito neste trabalho não é o de analisar detalhadamente os relatos de viagem de Nísia, e sim o de abordá-los sob a ótica de algumas teorias, falaremos apenas os principais aspectos deles, que tenham relevância com a nossa pesquisa, uma vez que essas análises já foram feitas por Constância Lima Duarte.

<sup>4</sup> Ponto de Vista

etc. Ces choix, qui produisent des effets sur le lecteur, sont analysables en tant qu'indicateurs de points de vue sur l'histoire comme sur la narration. (RABATEL, 2008, p. 11).

Assim, vemos que se trata de uma nova abordagem sobre os textos narrativos, que é o caso dos nossos *corpora*. Rabatel (2008) explica o significado de *Homo narrans*:

*Homo narrans* indique donc le décentrement théorique en cours du récit vers la narration. [...].

En premier lieu, l'*Homme* narrant – pour peu qu'on considère ici comme idéalement nulles les variations génériques, historiques et personnels, si importantes par ailleurs –, c'est d'abord un *sujet* qui raconte des *histoires* à un certain *auditoire*. (p. 12).

[...] *Homo narrans* est certes un créateur, mais qu'il est largement fils de ses oeuvres, tout comme il est au croisement des interrelations par lesquelles un homme devient ce qu'il est, au cours du processus socialisé ininterrompu de construction de son identité. Tout individu, dans la singularité de sa construction sociale, n'existe que par autrui et grâce à la collectivité à laquelle il appartient, par les appartenances multiples qui l'aident à construire sa personnalité, ses valeurs, à ajuster ses comportements pratiques et ses représentations. (p. 18).

Nesse sentido, observamos que, de acordo com Rabatel, o *homo narrans* é filho de suas obras, ele só existe para outrem e graças à coletividade a qual ele pertence, que o ajuda a construir sua personalidade, seus valores, o que nos lembra bem Nísia Floresta. Para ele, *homo narrans* é, a princípio, um sujeito que conta histórias a um certo auditório. Até onde sabemos, Nísia não tinha a intenção de publicar o seu primeiro relato, *Itinéraire*. As informações que temos a partir de dados biográficos nos mostram que essa obra foi composta pelas cartas que Nísia escrevia a sua família, ou seja, ela “não” tinha a intenção prévia de publicá-las. Assim, o seu auditório não era o público, mas a sua família. Em *Trois ans*, podemos observar uma postura diferente por parte da autora potiguar, pois é um relato de viagem escrito para o público.

Talvez a noção de PDV nos seja útil, também, para compreender se, de fato, Nísia não teve desde o início a intenção de publicar o *Itinéraire*, tendo em vista o grau de elaboração desse relato. Mas, o que seria o point de vue?

[...] Le PDV se présente comme un *donné objectif antérieur à tout jugement*, en aval des données ou des prémisses. Ainsi, avec le PDV, la nature toujours sujette à discussion du posé est masquée par le fait que le posé est présenté sur le *mode de l'évidence perceptuelle*, et donc est présentée, à ce titre, comme non contestable. La logique naturelle est ainsi faite qu'on accepte facilement ce qui résulte d'une observation a priori dénuée d'enjeux interprétatifs, puisque ce qu'« on voit de ses yeux » semble correspondre à l'émergence pure des phénomènes, indépendamment de toute intentionnalité humaine. (RABATEL, 2004, p. 43).

[...] Sous sa forme la plus générale, le PDV se définit par les moyens linguistiques par lesquels un sujet envisage un objet, à tous les sens du terme envisager, que le sujet soit singulier ou collectif. Quant à l'objet, il peut correspondre à un objet concret, certes, mais aussi à un personnage, une situation, une notion ou un événement, puisque, dans

tous les cas, il s'agit d'objets de discours. Le sujet, responsable de la référenciation de l'objet, exprime son PDV tantôt directement, par des commentaires explicites, tantôt indirectement, par la référenciation du matériau linguistique. (RABATEL, 2008, p. 21).

Assim, tentaremos, brevemente, identificar o/os PDV de Nísia Floresta em seus relatos, analisando certos aspectos, entre eles, por exemplo, o fato de que, em algumas passagens, é possível verificar certas contradições por parte da autora. Esse aspecto é percebido, sobretudo, no *Itinéraire*, mas pode ser verificado, também, em *Trois ans*.

A autora demonstra, ou quer demonstrar em alguns momentos, que estava triste com a vida que levava, que sentia falta dos parentes deixados no Rio de Janeiro e que não conseguia ser feliz diante disso. Por vezes, nos perguntamos: então, qual a razão que levou Nísia a ir embora do Brasil? Ela tinha consciência do que estava deixando em seu país e mesmo depois de anos sofre com a ausência do filho, dos irmãos, da sobrinha. Esses fragmentos mostram um pouco da tristeza sentida pela potiguar:

- (1) O vous de qui *je* m'éloigne de plus en plus sur ce nouveau sol qui *me* charme sans arrêter *ma* pensée, car elle vole constamment vers vous dans un autre hémisphère, que ne pouvez-vous *me* contempler dans ce moment, regardant tour à tour et vos portraits qui *m'*accompagnent dans cette nouvelle région, et le papier où *je* vous trace ces lignes, le coeur partagé entre les beautés du Rhin et votre chère image ! Que les rives de ce fleuve parleraient éloquemment à *mon* coeur, si vous étiez tous à *mes* côtés ! Cruelle impossibilité devant laquelle *je* *me* sens parfois anéantie, sans trouver même une prière au fond de l'âme pour *m'*en consoler ! [...]. (1857, p. 49-50. Grifos nossos).
- (2) [...] *Notre* promenade publique de Rio se présenta alors à *mon* esprit, à une époque de fête que *j'y* passai avec vous, époque, hélas ! bien éloignée de celle où *je* vous quittai pour *m'*aventurer seule dans ce délade isolé qu'on nomme vie à l'étranger. (1857, p. 52. Grifos nossos).
- (3) Les voyages et la vie ! la vie, qui n'est qu'un voyage plus ou moins pénible, plus ou moins court ! Voyager dans ce voyage, dont Dieu seul connaît le terme, c'est-à-dire se transporter de pays en pays, de scène en scène, passer d'émotion en émotion selon l'intérêt qu'inspirent les divers objets offerts à nos regards, c'est atténuer en quelque sorte le poids d'une grande douleur dont on se sent opprimé. Cependant, quels que soient l'intérêt des lieux où l'on s'arrête, le charme qui *nous* y attache, le bien-être matériel et moral dont on jouit, il y a des jours où rien ne peut distraire un seul instant l'esprit du sujet de cette grande douleur. Aussi il y a toujours dans l'âme, outre la tristesse que *nous* laissa la perte d'un être adoré, un certain vide que rien ne peut remplir. On aura beau s'entourer de tout ce qui constitue le bonheur d'ici-bas, le vide est là. Réveillé, on désire ; en dormant, on rêve, et, en désirant et en rêvant, la vie s'écoule, s'envole sans que ce vide se remplisse jamais. (1872, p. 28. Grifos nossos).

Logo, nos perguntamos qual ou quais razões levou Nísia Floresta a mostrar-se ou querer mostrar-se triste, tendo em vista que, por vezes, seu discurso soa falso. Duarte, uma grande estudiosa da vida e obra de Nísia Floresta, atenta para esse fato:

A autora parece não se permitir usufruir inteiramente da viagem porque precisa mostrar-se infeliz, ainda quando a narrativa afirma o contrário e revela uma vida ocupada em passeios, visitas, concertos, teatros, reuniões, enfim, dias absorvidos em inúmeros compromissos sociais. Afinal, é ela mesma que, em determinado momento, afirma: “Os dias passam em Florença como dias de festa”. (2008, p. 310-1).

Sobre essa imensa possibilidade de interpretações que pode ser feita pelos leitores sobre o autor ou o que é dito por ele enquanto verdade ou não, se seu discurso é, de fato, sincero, ao se ler uma obra, Rabatel escreve:

Si donc nous pensons *Homo narrans* comme sujet, c'est en tant que sa parole est complexe, hétérogène, mais encore, et surtout, parce qu'elle est opaque. Le sujet racontant, par cela même qu'il raconte, et surtout par le fait même de raconter, en mettant en scène des centres de perspective différents, ouvre potentiellement une boîte de Pandore d'où sortent des voix autorisées et d'autres qui le sont moins, mais qui néanmoins sapent l'autorité des premières, en sorte que le récit, loin d'être l'illustration d'une vérité préétablie, ouvre sur les possibles infinis de l'interprétation. (2008, p. 15-6).

Para Rabatel (2008, p.32) a problemática do PDV é essencial para a boa compreensão e interpretação dos textos narrativos:

La théorie du PDV offre ainsi au lecteur des outils privilégiés pour lui permettre de (re)tisser, à son tour, les fils du texte ou de faire, à son tour, « la synthèse de l'hétérogène » - synthèse qui ne s'effectue pas seulement dans le récit lui-même, comme le disait Ricoeur, mais aussi dans l'acte même de lecture, dans l'acte de reconfiguration du récit. Dans cette perspective, le PDV est au service d'une pragmatique et d'une herméneutique des textes (littéraires et non littéraires) qui fasse du lecteur « le troisième » dans le dialogue, selon la belle formule de Bakhtine (1984 :332), qui lui permette de prendre toute sa part dans la co-construction des interprétations sur la base des instructions du texte. (RABATEL, 2008, p. 32-3).

Assim, vemos o quão a teoria dos PDV pode nos ajudar a compreender certos textos e obras e, sobretudo, questionar a imagem ou verdade passada pelo autor. O leitor desempenha um papel novo, ele entra no jogo, dialogando diretamente com o autor e o personagem.

Rabatel nos fala do tipo de leitor que ele acredita ser ideal para se analisar uma obra:

Malgré le caractère apparemment déraisonnable de notre entreprise, nous voudrions donc un lecteur qui s'intéresse aux textes littéraires et qui ai le souci de la langue (et réciproquement). Un lecteur littéraire et linguiste (de même). Nous voudrions un lecteur qui s'intéresse au récit, mais que les problématiques de l'argumentation intriguent (et inversement). Nous voudrions un lecteur qui aime les beautés grammairiennes de la langue et qui s'intéresse aux mécanismes de l'interprétation qui dépassent les bornes de la phrase. (2008, p. 37).

O fragmento acima revela que seguimos o perfil do leitor ideal para Rabatel, pois não estudamos apenas a literatura ou apenas a linguística, mas literatura e linguística conjuntamente, como complemento uma da outra.

Entraremos agora em uma questão extremamente importante ao se estudar responsabilidade enunciativa. Nos relatos de viagem de Nísia Floresta, diríamos que a autora assume a responsabilidade de sua fala, uma vez que ela usa quase que a todo o tempo os pronomes de primeira pessoa “je” e “nous”, o segundo usado quando está na presença da filha ou de amigos. Como pudemos ver nos exemplos (1) e (2). Portanto, em uma análise superficial poderíamos dizer que Nísia Floresta assume a responsabilidade enunciativa em seus relatos. Entretanto, faz-se necessário uma análise mais profunda.

Tout PDV est pris en charge soit directement par un locuteur/énonciateur premier, soit indirectement par un locuteur/énonciateur second (intratextuel), soit encore par un énonciateur second non locuteur. Le locuteur est l'instance qui profère un énoncé (dans ses dimensions phonétiques et phatiques ou scripturales selon un repérage déictique ou selon un repérage indépendant d'*ego*, *hic* et *nunc*). Si tout locuteur est énonciateur, tout énonciateur n'est pas nécessairement locuteur, ce qui revient à dire qu'un locuteur peut faire écho dans son discours à plusieurs centres de perspective modaux, plus ou moins saturés sémantiquement : cette disjonction permet de rendre compte du fait que le locuteur narrateur fait entendre le PDV d'un énonciateur personnage même si son PDV n'est pas exprimé dans une parole [...], mais elle permet aussi de rendre compte des diverses postures énonciatives autodiologiques du locuteur, lorsqu'il se distancie de tel ou tel PDV qui avait été le sien, ou qui pourrait être le sien dans d'autres cadres de véridiction [...]. (RABATEL, 2008, p. 56).

Logo, notamos que, segundo Rabatel, todo PDV é assumido por um locutor/enunciador, seja direta ou indiretamente. Assim, ao falar, Nísia pôde manifestar ou seu PDV ou o de outrem. Talvez possamos dizer que ela trouxe o PDV de várias pessoas ou grupos, ao se assumir enquanto defensora dos escravos ou das mulheres. Vejamos alguns fragmentos que denotam a postura da autora:

- (4) Combien de fois ai-je entendu, à Paris, des mères tout éblouies des plaisirs du monde, s'enorgueillir d'avoir leurs filles au Sacré-Coeur, où les demoiselles reçoivent, ajoutaient-elles, la meilleure éducation et la plus distinguée !  
Pauvres mères ! pensais-je ; elles ignorent que les leçons des institutrices les plus sages, les plus saintes, fussent-elles des Pénélopes ou des saintes Thérèses, ne pourraient parvenir à former dans l'esprit de leurs filles une barrière suffisante à l'invasion de certains exemples qui les attendent quelquefois là où elles devraient trouver seulement les leçons de toutes les vertus.  
Ce n'est point dans les maisons étrangères, y compris les couvents, que la jeune enfant trouvera les bases solides de la meilleure éducation qu'il lui faut, mais dans le foyer domestique [...] . C'est là seulement que la fille puisera avec une utilité réelle, quand les mères seront capables de comprendre et d'accomplir leur plus sainte mission dans la société, les principes et les leçons dont elle a besoin pour devenir ce qu'elle doit être un jour : simple, vraie, bonne, compatissante et parée de la dignité naturelle, qu'une sage éducation maternelle aura développée convenablement et fortifiée chez elle en chassant toute sorte de prétentions ridicules [...]. (FLORESTA, 1864, p. 152. Grifos nossos).

- (5) O *ma* chère patrie, Éden de ce monde immense, extraordinaire, réapparu à l’oeil ravi de Colomb, laisse, ah ! laisse librement éclater de ta noble poitrine le cri humanitaire que tu y retiens avec peine en face des déplorables préjugés que l’ont transmis tes anciens dominateurs d’outre-mer ! Sois conséquente avec ses libres institutions qui te régissent, avec la religion que tu professes : brise, oh ! brise les chaînes de tes esclaves ! Rends-toi tout à fait digne, par cet acte de justice et de philanthropie, de la renommée de généreuse bonté que t’accordent ceux même qui méconnaissent tes autres vertus !

Il *me* semble entendre d’ici l’impudente voix de la cupidité qui cherche à étouffer tes nobles élans en faveur de ses malheureuses victimes, en proclamant les soi-disant dangers auxquels tu t’exposerais par ce grand pas vers la véritable prospérité : ne l’écoute point, cette voix, elle te trompe en t’effrayant, pour mieux servir son ambition et sa tyrannie !... (FLORESTA, 1864, p. 14-5. Grifos nossos).

Assim, ao que nos parece, Nísia mostra o seu PDV, mas ela traz também o de outras pessoas, com as quais ela partilha a mesma opinião ou até mesmo uma certa “ideologia”. A autora assume a responsabilidade do que fala, mas a sua voz está repleta de PDV de pessoas que acreditavam tanto quanto ela em uma educação melhor para as mulheres e na liberdade dos escravos.

Dando continuidade a essa discussão, Rabatel nos traz a opinião de Ducrot (1993) com relação ao enunciador e o point de vue, dizendo que este define solidariamente esses termos.

[...] Toutefois, derrière l’implication réciproque des termes (pas de point de vue sans énonciateur, pas d’énonciateur sans point de vue), les deux concepts ne fonctionnent pas au même niveau, la notion de point de vue n’étant pas aussi fondamentale que le concept d’énonciateur, mais jouant plutôt un rôle ancillaire dans la définition de l’énonciateur en tant que ce dernier est désormais disjoint du locuteur. On en veut pour preuve l’absence de critères sémantiques dans la définition du point de vue. Les parasyonymes « point de vue », « position », « attitude » disent éloquentement que l’expression « point de vue » n’a pas plus d’importance que les deux autres et que l’important est que le point de vue ne passe pas par « des paroles » référées à un locuteur, auteur d’un discours direct ou d’un jugement personnel impliquant la présence du *je*. (RABATEL, 2008, p. 57).

Observamos que Rabatel não acredita que enunciador e PDV estejam no mesmo nível, pois o conceito de enunciador teria uma importância maior, enquanto a noção de PDV pode ser substituída por outros termos “equivalentes”. Ele reforça também o fato de que o PDV não passa somente por “falas” referentes a um locutor, autor de um discurso direto ou de um julgamento pessoal em que esteja implicada a presença do “eu”. Como já mencionamos anteriormente, o PDV vai além das marcas de primeira pessoa. “Tout énoncé, en tant que combinaison d’un *modus* associé à un *dictum*, dénote un PDV, même en l’absence du *je*.” (RABATEL, 2008, p. 57).

Rabatel (2008, p. 58) cita alguns autores como Goffman (1981, p. 144), que propõe ferramentas para hierarquizar os fenômenos de heterogeneidade polifônicos interiores a fala em torno da noção de “footing”. Entre essas ferramentas, encontra-se a

que ele denomina como “a voz de um *principal*”, que exerce uma certa autoridade. Para Rabatel, a ideia de extrair uma “voz” principal é muito útil, pois ela fornece um ponto de apoio à necessária hierarquização dos enunciadores que estão em cena.

Pour notre part, le *principal* ne se détermine pas essentiellement par le contenu (discours de la Loi, de la Science, de l’Autorité), ni même par les mécanismes linguistiques d’effacement énonciatif ; il se définit par le fait que c’est lui qui correspond au PDV du locuteur en tant que tel et du locuteur être du monde, et au-delà de lui, au sujet parlant : en d’autres termes, c’est par rapport à ce principal que le locuteur engage son PDV, et c’est par rapport à ce PDV qu’on sera(it) susceptible de lui demander des comptes, le cas échéant. En ce sens, le principal correspond au syncrétisme du locuteur et de l’énonciateur, celui qui, dans un énoncé monologique, correspond à L1/E1. C’est aussi L1/E1, dans un énoncé dialogique, c’est-à-dire celui qui correspond à ce que pense le locuteur/énonciateur premier, celui auquel l’allocutaire ou le destinataire impute une position, en marquant que ce dernier est plutôt en accord avec tel énonciateur intradiscursif qu’avec tel autre. (RABATEL, 2008, p. 58-9).

Portanto, podemos dizer que Nísia Floresta é a “voz principal” dos seus relatos, pois ela corresponde ao locutor enquanto tal, ao locutor ser do mundo e a pessoa que fala, assumindo o PDV de sua fala. Isso nos remete ao que Maingueneau fala a respeito do sujeito enunciator:

Como quer que se considerem as formas de subjetivação do discurso literário, não se pode justapor o sujeito biográfico e sujeito enunciator como duas entidades sem comunicação, ligadas por alguma harmonia preestabelecida. Cumpre distinguir não duas, mas três instâncias, que propomos denominar *a pessoa, o escritor e o inscritor*. A denominação “a pessoa” refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. “O escritor” designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. Quanto ao neologismo “inscritor” ele subsume ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto [...] e a cena imposta pelo gênero do discurso: romancista, dramaturgo, contista... O “inscritor” é, com efeito, tanto enunciator de um texto específico como, queira ou não, o ministro da instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o garante. [...]. (2006, p. 136).

Do mesmo modo, podemos dizer que Nísia é “a pessoa”, “o escritor” e “o inscritor” em seus relatos, pois foi ela que escreveu e narrou a sua passagem por aqueles países, sendo, assim, personagem principal dessa história. Observamos que, para Maingueneau, não se pode distinguir sujeito biográfico e sujeito enunciator. Vale salientar que até agora, Rabatel fala de narrativas de um modo geral, não especificando o tipo de narrativa. Como os nossos *corpora* são de cunho autobiográfico, uma vez que Nísia narra as viagens empreendidas por ela mesma, essa ligação entre narrador, personagem e autor com o “principal”, que, analogicamente falando, une essas três instâncias, está claramente presente.

Para Rabatel (2008, p. 59) alguns enunciadores são mais importantes que outros, segundo seu grau de atualização no discurso, segundo a natureza dos fenômenos



de responsabilidade enunciativa e segundo a reação dos interlocutores. Assim, ele define o que seria o enunciador primário e segundo:

[...] l'énonciateur primaire, celui qui prend en charge les PDV auxquels il adhère, celui à qui on attribue un grand nombre de PDV, réductibles à un PDV général et à une position argumentative globale censée correspondre à sa position sur la question. On nommera *principale* l'énonciateur en syncrétisme avec le locuteur parce que ce dernier exprime le PDV à un triple titre [...]. (RABATEL, 2008, p. 59).

[...] les énonciateurs seconds, internes à l'énoncé qui correspondent, dans le cas du récit, à des personnages, et qui sont de véritables centres de perspective en ce qu'ils agrègent autour d'eux un certain nombre de contenus propositionnels qui indiquent le PDV de l'énonciateur intradiscursif sur tel événement, tel état, telle notion, etc. (RABATEL, 2008, p. 59).

Para Rabatel (2008), com relação ao enunciador primário, o locutor exprime seu PDV enquanto locutor através do seu papel na enunciação (esse seria o locutor defendido por Ducrot); enquanto ser do mundo e enquanto sujeito que fala, aquele a quem se pede satisfações pelo o que ele diz e pela maneira que ele diz. Assim, diríamos também que Nísia Floresta estaria entre o que ele denomina enunciador primário.

Segundo Rabatel (2008, p. 60) todo enunciado pressupõe uma instância que assume a responsabilidade do que é dito, seguindo os contextos de referência, o dictum, a lexicologia, o conteúdo proposicional, a predicação, segundo o esquema mínimo de enunciação “je dis (“ce qui est dit”)”.

Dans un énoncé tel que « je n'aime pas ces questions de prise en charge énonciative », *je* est la source et le valideur, c'est-à-dire celui qui entérine la vérité du contenu propositionnel.

Mais le dialogisme complique très vite les choses. Ainsi, en (7), Pierre est locuteur second et valideur du propos (dans la subordonnée), sans qu'on sache ce qu'en pense L1/E1, qui rapporte l'énoncé.

(7) Pierre a dit qu'il n'aime pas ces questions de prise en charge énonciative. (RABATEL, 2008, p. 60-1).

No primeiro exemplo, em que o pronome “eu” aparece, encontramos vários exemplos nos relatos de Nísia, como vimos em (1), (2), (4) e (5). É importante lembrar que marcas de pronomes possessivos (mon, ma, mes) e de verbos reflexivos (me) também denotam marcas da primeira pessoa. Já no segundo exemplo mostrado por Rabatel não encontramos passagem semelhante em nossos *corpora*. Isso reforça ainda mais a nossa posição, de que Nísia seria a “voz *principale*” de suas narrativas.

Passaremos agora aos tipos de PDV trabalhados por Alain Rabatel que nos parece de grande relevância para analisar nossos *corpora*. Ele distingue os PDV entre: point de vue *représentés*, *racontés* e *assertés*. O teórico (2008, p. 82) afirma que o PDV “representado” se deixa apreender a partir das relações sintáticas e semânticas entre um objeto perceptível, ou seja, o “focalizador” ou o enunciador, um processo de percepção e um objeto percebido (focalizado). Entretanto, ele afirma que a co-presença desses três componentes não é sempre necessária, nem suficiente para predizer a existência de um PDV. “Le point de vue représenté repose donc essentiellement sur la disjonction du locuteur et de l'énonciateur, ce dernier étant responsable de perceptions (et de pensées associées) dans le cadre de « phrases sans parole ».”(RABATEL, 2004, p. 26).

Ainda sob a ótica de Rabatel (2008), o PDV “contado” remete a textos escritos a partir da perspectiva de um personagem que, todavia, não é um focalizador.

[...] Le PDV raconté correspond à la situation où un fragment de texte empathise sur des acteurs de l'énoncé, c'est-à-dire raconte les événements d'après la perspective de l'acteur de l'énoncé, sans aller jusqu'à un débrayage énonciatif avec les perceptions représentées, puisqu'il n'y a pas ici de deuxième plan. [...].

Retenons que le PDV raconté envisage le déroulement des faits à partir de la perspective d'un des acteurs de l'énoncé, sans donner à cet acteur de l'énoncé un space énonciatif particulier. (2004, p. 34).

O PDV “afirmado” descreve a noção de opinião manifestada ou de tese (RABATEL, 2008, p. 104), ou seja, uma opinião explicitamente assumida. Vejamos um breve resumo sobre esses PDV:

[...] avec le PDV représenté, le focalisateur perçoit, pense « sans parler », cependant qu'avec le PDV raconté, le focalisateur perçoit, pense *en racontant*. Ce point de vue raconté ne concerne donc pas les paroles rapportées des personnages, ou les propos du narrateur, car dès lors que le contre de perspective sort de l'activité de narration *stricto sensu* et qu'il se met à parler, qu'il s'agisse de commentaires explicites du narrateur, qu'il s'agisse des énoncés au discours direct des personnages, alors le PDV change de nature et l'on a besoin d'un autre concept pour l'analyser, celui de PDV asserté. (RABATEL, 2008, p. 101).

De acordo com o exposto, observamos que os relatos de viagem de Nísia estariam para o PDV afirmado, uma vez que a autora potiguar assume a responsabilidade do que fala, dando sua opinião sobre tudo o que lhe chama atenção, não apenas sobre os países pelos quais ela passou, mas sobre a história, a política, os costumes, os problemas vividos na época, defendendo os escravos e buscando uma educação digna e igualitária para as mulheres. Portanto, vemos que Nísia Floresta foi uma mulher que expressou muitos PDV, sempre lutando em prol dos menos favorecidos.

Conclusão:

Assim, pudemos observar a partir de sucintos fragmentos, o quanto os relatos de viagem de Nísia Floresta trazem de informações interessantes sobre aqueles lugares e o quanto proveitosos eles podem ser para se fazer uma análise à luz dos pressupostos linguísticos, sobretudo para se estudar a responsabilidade enunciativa e a noção de PDV como nos propomos a fazer neste trabalho. Além de divulgar um pouco mais os escritos dessa norte-rio-grandense, fizemos uma aproximação entre obras literárias e a teoria linguística, o que pode porventura ajudar futuros pesquisadores que estudem essa temática ou que queiram conhecer um pouco mais sobre a vida e a obra de nossa escritora potiguar.

Ao nos lembrarmos da definição dada por Rabatel sobre o PDV, o modo como um sujeito vê um objeto, que pode ser um objeto concreto, uma situação, uma noção ou um acontecimento, notamos que todas essas formas de “ver” podem ser encontradas nos relatos de viagem de Nísia Floresta. Ela descreveu objetos, castelos, igrejas, paisagens, mas foi além, pois também discursou sobre tudo o mais que estava a sua volta.

Ao dizer que o *homo narrans* é filho de suas obras e que todo indivíduo, em sua construção social, só existe para outros e graças à coletividade a qual ele pertence, pelos pertencimentos múltiplos que o ajudam a construir sua personalidade, seus valores, a ajustar seus comportamentos práticos e suas representações, Rabatel nos faz lembrar Nísia Floresta, que se dedicou a seus escritos e lutou por tantas causas sociais. Talvez possamos ainda dizer que Nísia Floresta foi como uma “*mulie narrans*”, pois narrou suas viagens, dividindo com o público suas experiências enquanto viajante.

#### Referências bibliográficas

- DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha P. de. **Literatura feminina no Rio Grande do Norte: de Nísia Floresta a Zila Mamede**. Natal: Sebo Vermelho; UnP, 2001. 232 p.
- DUARTE, Constância Lima. **Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil**. Florianópolis: Mulheres, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: EDUFRN, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Nísia Floresta: vida e obra**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2008.
- DUCROT, Oswald. **Le Dire et le dit**. Paris : Minuit, 1984.
- FLORESTA, Nísia. **Itinéraire d'un Voyage en Allemagne**. Par Mme. Floresta A. Brasileira. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857.
- \_\_\_\_\_. **Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce**. Par une Brésilienne. v 1. Paris: Libraire E. Dentu, 1864.
- \_\_\_\_\_. **Trois ans en Italie, Suivis d'un Voyage en Grèce**. Par une Brésilienne. v 2. Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871 (ou 1872).
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- RABATEL, Alain. **Argumenter en racontant : (Re)lire et (re)écrire les textes littéraires**. Bruxelles : Éditions de Boeck Université, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Homo narrans : pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Les points de vue et la logique de la narration. Tome I**. Limoges : Éditions Lambert-Lucas, 2008a. (Tome I)
- \_\_\_\_\_. **Homo narrans : pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Dialogisme et polyphonie dans le récit**. Limoges : Éditions Lambert-Lucas, 2008b. (Tome II)
- \_\_\_\_\_. **Prise en charge et imputation, ou la prise en chargé à responsabilité limitée, Langue Française**, n. 162, 2009, p. 71-87.